

A inútil clausura religiosa, segundo as Escrituras.

“O Convento é um inferno onde a lei não entra”. Jules Michet, em seu livro “O Padre, a Mulher e a Família, pág. 144”.

*“Jesus disse aos seus discípulos: **Ide por todo o mundo** e pregai o Evangelho a toda criatura”.*

*“Desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, servindo ao Senhor com toda humildade, com lágrimas e provações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram, jamais deixando de vos anunciar coisa alguma e proveitosa e de vo-la ensinar publicamente, **como também de casa em casa**”.* Atos, 20.19.

Primeiramente, vou exibir uma carta que enviei a um clérigo, residente, ou melhor, confinado em clausura, mais propriamente no Mosteiro São Bento, no centro de São Paulo. Ele leu e respondeu-me, demonstrando muita educação e cortesia, que nunca tinha visto a coisa conforme eu havia colocado e pediu-me para que lhe telefonasse para conversar pessoalmente.

Eis o conteúdo da carta:

Meu prezado frade.

Meu nome é Waldecy A. Simões.
Rua Antonio Martins Costa, 451
São Paulo. SP.
CEP 05584-000
Fone 11. 3784.4843
Email: netsimoes@terra.com.br

Gostaria de saber do senhor sobre a utilidade prática da clausura católica na evangelização.

Fui católico até 1989. Antes, nos meados da década de 50, fui seminarista no Pré-Juvenato N. S. do Carmo, em Araraquara, depois fui transferido para o Seminário Santo Afonso, em Aparecida do Norte. Só não cheguei a padre por ter concluído que se ordenado sacerdote teria de ensinar uma doutrina que não têm suficientes fundamentos bíblicos. Hoje eu agradeço a Deus por ter abandonado o seminário a tempo, pois, pelo menos os padres que conheço e que tenho convivido, não testemunhei santidade alguma neles. Quando visitam uma casa, só vão quando são convidados para um almoço, um bom churrasco ou uma suculenta feijoada.

Pelo menos os padres que conheci, nunca vi um só deles visitar uma casa de pagãos tentando evangelizar, como fazem uma parte dos evangélicos, e como agiu Paulo, o santo apóstolo do Espírito Santo Deus, que também evangelizava de casa em casa, conforme Atos dos Apóstolos, 20.20.

Os sacerdotes de minha região estão sempre a circular com seus carros, normalmente sempre acompanhados de uma ou mais mulheres da igreja. Um deles, quando eu era sacristão em Maringá, PR, fez tudo o que pôde para que me tornasse o seu amante, o seu homem, mas como eu recusei as fétidas ofertas daquele Satanás, fez o vigário geral dispensar-me ao acusar-me injustamente de ter-me apossado de alguns trocados das esmolas. Na época, eu era um menino de coração muito puro, pois o meu maior desejo era tornar-me um santo católico (vejam só!). Mesmo com o coração puro, fui expulso dali como um reles ladrão das esmolas da Igreja, portanto, aquele padre de Satanás praticou o falso testemunho com a agravante de manchar a honra e de prejudicar o semelhante, no intuito da própria segurança dele, pois um dia eu poderia “vir a dar com a língua nos dentes”.

Depois de abandonar o seminário, fui sacristão e organista na igreja matriz de Maringá, na época, ainda feita de madeira, depois me mudei para São Paulo e passei a dirigir um coral na Matriz de Santo Antonio, na Vila Ré, Zona Leste, e depois de outras paróquias da Zona Oeste.

Fui um fiel propagador de Maria e da reza do terço. Ao final da década de 60, pertenci a uma ordem católica denominada Legião de Maria, e por ela propagava Maria como fiel e necessária intercessora. Amava tanto a figura de Maria que nos seminários, enquanto meus colegas se divertiam com a bola, praticando natação ou jogando xadrez, eu permanecia sozinho na capela, frente a uma grande e bela imagem de Maria rezando sem parar. Mais tarde, nos ônibus, nos bondes e nos trens, eu sempre dedilhava um terço dentro dos bolsos.

Mas ao final da década de 80, quando comecei a estudar, com muita garra e cuidado, as Escrituras, do começo ao fim, sem a interferência de ninguém, principalmente das traduções de rodapés, que muitas vezes “explicam” preceitos bíblicos de forma que tentem legitimar coisas da tradição católica que não encontram respaldo suficiente na Palavra Escrita. E assim, constantemente, estudando a Bíblia e freqüentando as bibliotecas no intuito de estudar para entender, de fato, as Raízes da Igreja, e paralelamente pedindo ao Senhor com muita insistência, muita sabedoria, também praticando o jejum, para que, de fato, chegasse à Verdade que via que ainda me faltava. Quanto mais avançava na leitura e meditação da Bíblia, passei a perceber que antes tinha agido muito mais pela tradição, pelo que tinha aprendido de meus pais e nos dois seminários nos quais fui interno, e que muitos desses preceitos praticados pelo catolicismo não tinham correlações bíblicas.

Com o passar dos anos, devagar, fui progredindo em questionar tudo aquilo de errado que havia aprendido na infância e que estava fortemente enraigado na minha mente. Confesso que para chegar ao resultado final foi extremamente difícil, e o caminho foi longo, pois nunca fui havia sido alertado por alguém de modo claro e objetivo. Por fim, concluí que a tradição católica, que para os clérigos é tão importante, pois alegam que a própria Bíblia torna-se incompleta sem a integração dessa tradição, fundamentados, é claro nas determinações do Concílio Vaticano e por João Paulo II em suas encíclicas Fé e Razão, em diversos pontos dessa doutrina não passava de uma doutrina de homens.

Dessa forma, ao ler cuidadosamente a Bíblia, por inteiro, verifiquei que algumas coisas não se encaixavam com o que eu havia aprendido do catecismo até então. Algumas das coisas que os padres me ensinaram, desde pequeno, eram diferentes do que as Sagradas Escrituras nos revelam. De acordo com o secular catecismo católico — pelo menos naquele que eu tenho desde criança —, notei que dois dos Dez Mandamentos de Deus foram simplesmente apagados na religião católica para dar lugar a preceitos formados por homens.

Mas, até deixando tais dúvidas de lado, pois se continuar vamos longe, pretendo focar aqui apenas a prática da clausura, e é por isso que lhe escrevo. Por isso, gostaria imensamente que se dignasse a responder sobre as inserções abaixo, pois percebo que tal situação diverge gravemente dos exemplos de Jesus e de seus apóstolos e de toda a Igreja Primitiva.

- ✓ O que fazem os enclausurados além de rezar, ler, estudar, meditar e celebrar missas?
- ✓ Por acaso, referindo-me exclusivamente ao espiritual, trabalham de algum modo que possam ser úteis à comunidade?
- ✓ Por que são impedidos da natural comunicação com o mundo exterior, pois só podem usar o telefone com autorização dos superiores?
- ✓ Perante Deus, na sua concepção, qual é o objetivo principal de um religioso que se enclausura, tanto homem quanto mulher?

O clero afirma que a clausura *“é uma maneira particular de estar com o Senhor, de partilhar o aniquilamento de Cristo, através de sua pobreza radical que se exprime na renúncia não só às coisas, mas também ao espaço, aos contatos, a tantos bens da criação, unindo-se ao fecundo silêncio do Verbo na cruz”*.

Bonito verso, mas fica a impressão forte de que a clausura se contrapõe aos principais exemplos de Jesus, conforme está abaixo.

O padre Estêvão Bettencourt, OSB, colocou assim, as atividades da clausura:

“Os enclausurados cultivam a oração, a ascese e trabalham para garantir sua subsistência. Tem trabalho no campo ou em pequenas fábricas para produzir artigos úteis à comunidade. São sinais vivos de que o homem foi feito para o transcendental e encontra no transcendental resposta mais cabal para seus anseios”.

Mas não foi a missão de trabalhos manuais que Jesus legou aos seus apóstolos, mas:

“Ide, pregai o Evangelho em todas as cidades. Na saída das cidades que não vos aceitarem, sacudam o pó de suas vestes”.

Não vejo, no Evangelho, os apóstolos produzindo manufaturados em prol da comunidade. Vejo-os lançando-se a campo para evangelizar, cara a cara, o máximo de pagãos e judeus possível, de casa em casa, conforme está claro em Atos, 20.20. Por isso, é possível considerar a clausura como uma invenção religiosa bem estranha: ao invés de os clérigos se lançarem ao mundo, eles escondem-se dele. Que evangelizadores são esses? Ou não se formaram para evangelizar? Afinal, pra que serviu tanto estudo? Produzir produtos da terra é para os operários, não para homens e mulheres destinados à evangelização, pois os clérigos tem de produzir frutos práticos com respeito ao Evangelho, e serviços braçais apenas.

Sem o auxílio de ninguém, apenas meditando tendo como base a própria vida de Jesus, eu cheguei às seguintes conclusões das quais gostaria que me corrigisse se estiver errado.

Com deve ser um religioso cristão? A meu ver tem que ser um homem ou uma mulher que guarda no coração a convicção de seguir a Jesus Cristo para que, por amor a Ele, alcance a salvação eterna e a de um ou de mais semelhantes seus, tanto pelos exemplos de vida que deverá dar, como também pelos ensinamentos que deve propor-se a ministrar, mas sempre fundamentado exclusivamente na Palavra Escrita que o Espírito Santo nos legou. Mas esse modelo de cristão tem de se espelhar, ao máximo que puder, nos exemplos de Jesus. Evidentemente, não tem de morrer supliciado nem mesmo viver o celibato, mas as outras características de Jesus têm de viver.

Então, se um ser aqui na Terra se propõe a se tornar um religioso convicto, de coração de e alma, **tem de orientar sua vida exclusivamente pelos exemplos de Jesus Cristo.** Os apóstolos do Mestre fizeram exatamente isso com méritos além do necessário, pois até suas vidas ofereceram por amor ao seu Salvador e pela causa cristã. Não está no Evangelho, mas de acordo com páginas históricas que não podemos saber serem verdadeiras ou não, parece que dos doze apóstolos, onze deles foram martirizados e ao último deles, João Batista, tentaram martirizar lançando-o num barril quente de azeite, mas por um milagre cristão não conseguiram, pois curiosamente foi o único que se manteve presente durante o Grande Sacrifício do Cordeiro de Deus, ao contrário dos outros apóstolos, não temeu o poder militar dos romanos, como também teria de escrever o Apocalipse.

Quais foram, então, os exemplos de Jesus? Por acaso não se confundiu com as multidões para ensinar de perto ou preferiu esconder-se numa alcova?

A) HUMILDADE E SIMPLICIDADE E O DESLIGAMENTO DAS COISAS MATERIAIS.

Todos concordam que Jesus foi o homem que mais viveu a humildade, a simplicidade e o desligamento dos objetivos mundanos da maioria e do curso político da Judéia. Viveu a humildade até em sua árvore genealógica, pois não descendeu só de homens e de mulheres justas, pois entre esses havia todo o tipo de pecadores, desde mentirosos até assassinos.

Resposta: **Entendo que os enclausurados vivem a humildade e a simplicidade.**

B) MANSIDÃO E TOLERÂNCIA.

Resposta: **Entendo que os enclausurados vivem esses exemplos de Jesus. Tolerância, nem tanto, pois escondidos das coisas do mundo, sem sujeitar-se aos agravos naturais do mundo, não conseguem viver, na prática, nem a tolerância tampouco a mansidão.**

C) PERDÃO.

Resposta: **Por certo os enclausurados vivem o perdão de Jesus. Mas nem tanto, pois, tal como a tolerância, escondidos das coisas do mundo não têm muitas chances de praticar o perdão.**

D) POBREZA.

Resposta: **Entendo que os enclausurados aceitaram viver a pobreza, mas como não precisam buscar seu sustento, pois é garantido, não sei se isso vale alguma coisa.**

E) JESUS VIVEU A CASTIDADE.

Resposta: **Entendo que os enclausurados podem viver a castidade e até a obediência às inconcebíveis regras da Igreja que proíbem o casamento dos clérigos. Sabemos que a Bíblia nos revela que não há como um pastor aconselhar a uma família se ele próprio não tiver uma. Mas o Evangelho nos revela que os bispos e os diáconos só não podem se casar com mais de uma mulher. Não há valor espiritual quando se é obrigado. O celibato tem de ser algo de livre escolha, e não obrigatório.**

E) PROPAGOU O REINO DOS CÉUS E A SALVAÇÃO.

Resposta: **Entendo que está exatamente aí os erros dos que se enclausuram, pois fogem da praticidade da Evangelização, que requer o “cara a cara”, casa a casa, como Jesus e seus discípulos faziam (Atos, 20.20).**

Os apóstolos de Jesus jamais tiveram medo de enfrentar o mundo que se posicionava contra o cristianismo:

“Diz o preguiçoso: um leão está lá fora; se sair, serei morto no meio das ruas”. Provérbios, 22.13.

Para realizar a evangelização de modo prático e altamente produtivo, Jesus teve de misturar-se com as multidões. Diferente dos papas reis da Idade Média e até dos papas de hoje, que viveram e ainda vivem em suntuosos palácios e se escondem sob vidros à prova de balas, misturou-se ao povo mais pobre. Jesus entrou em prostíbulos e bebeu com a ralé nas estalagens. Jesus tocou os leprosos; misturou-se com a miséria humana, com a pobreza e com todo tipo de pecadores e de doentes. Por mais que estivesse ameaçado de morte não se desviou das multidões e foi esbarrado por todos os lados por aqueles que buscavam uma solução para seus problemas ou mesmo por curiosos. Quando chamado, nunca se furtou de ir até os lares. Por todo tempo procurou evangelizar e por isso não tinha casa fixa e nunca se escondeu das sujeiras do mundo. Ao contrário, vivendo a verdadeira caridade não se desviou dos ambientes mal falados, pois era nesses locais sujos que encontrava os pobres de espírito para salvá-los.

Se os enclausurados se espelhassem em Jesus Cristo, em primeiro lugar, não poderiam se esconder das sujeiras do mundo. Entendo que teriam de ir a campo evangelizar. Não é possível evangelizar só se escrevendo livros religiosos, orando pela conversão mundial ou curtindo um particular e gostoso silêncio. Jesus também orava, mas em tempo maior **agia, muito agia**, em meio ao povo e até morreu por fazer isso.

Entendo que deve ser muito difícil para um enclausurado viver sem uma mulher e passar a vida sob um regulamento rígido, mas na prática para que serve isso perante Deus? Afinal, Deus nunca proibiu os seus pastores de se casarem. Sabemos bem porque a Igreja proibia os padres do casamento. Não queriam que os filhos deles tivessem participação nos bens da Igreja. Na Idade Média, a idade da maior corrupção religiosa, os padres, bispos e cardeais, até o papa, continuaram a ter filhos, mas como esses eram considerados filhos dito bastardos, não tinham direito à herança alguma. O próprio Papa Alexandre VI teve vários filhos, ditos bastardos.

Na Parábola dos Talentos, Jesus deixa um claro exemplo de vida que serve perfeitamente aqui. Os enclausurados não estarão, então, enterrando os talentos que Deus lhes concedeu?

Como não se omitir na evangelização prática aqueles que se escondem numa clausura?

Afinal, para que serve, realmente, a clausura? Em comparação com os exemplos de Jesus, qual a finalidade maior do enclausurado? Essas finalidades têm correlações verdadeiras e práticas com os exemplos de vida de Jesus Cristo? Quantas pessoas esses enclausurados já converteram para Jesus? Se o enclausurado tem todo o tempo do mundo para

evangelizar, tal como o santo apóstolo Paulo tinha, da mesma forma o enclausurado teria de produzir conversões, pelo menos algumas.

Digamos que existam dois religiosos que seguiram caminhos diferentes. Um se tornou ermitão, se desligando inteiramente das coisas do mundo e passou a orar por todo o dia. Esse enfrentou a solidão e a falta de uma esposa, tão necessária na vida de um homem. É certo que esse viveu um sacrifício em Nome de Deus.

O outro preferiu viver entre o povo mais pobre e passou a pregar e a viver a Palavra de Deus. Não se desvinculou das sujeiras do mundo, pois com Deus no coração estava acima delas. Esse homem espalhou sementes da salvação por todo lado em que se dirigia. Não importa se tenha se casado ou não, pois, conforme os fundamentos do Evangelho, produziu obras de evangelização, as quais aquele ermitão se omitiu por todo o tempo.

Perante os céus e sob os exemplos de Jesus, a qual dos dois Deus premiará? Aquele que produziu frutos, mesmo se casando, ou aquele que preferiu apenas a própria salvação, ignorando a salvação de seus semelhantes, tão incentivado por Jesus? Não estarão se omitindo na evangelização os enclausurados da mesma forma como o fez aquele ermitão?

*“Jesus disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo, porém quem não crer será condenado. Estes milagres **acompanharão os que crerem**: Expulsarão demônios em meu nome, falarão novas línguas, pisarão em serpentes e, se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal; imporão as mãos aos enfermos e eles ficarão curados”.* Marcos, 16.15 a 18.

*“...jamais deixando de vos anunciar coisa alguma e proveitosa e de vo-la ensinar publicamente, **como também de casa em casa**”.* Atos, 20.19

É certo que na clausura, escondido do mundo, não é possível respeitar e seguir esse preceito de Jesus:

“Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura”.

Portanto, tendo com fundamentos cristãos exclusivamente os exemplos de Jesus, e deixando as tradições de lado, pra que serve, afinal, a clausura?

“O Convento é um inferno onde a lei não entra”. Jules Michet, em seu livro “O Padre, a Mulher e a Família, pág. 144”.

Graça, paz, saúde e muita sabedoria, extensivo aos familiares.
Waldecy A. Simões.
netsimoes@terra.com.br

Rua Antonio Martins Costa, 451.
São Paulo.
CEP 05584-000
Fone 11 - 3784.4843

Está perfeitamente permitida a cópia, a reprodução e a publicação de todo o conteúdo desse arquivo, com também é livre a publicação na Internet e a impressão do mesmo. Portanto, o presente arquivo é absolutamente livre para qualquer tipo de propagação desde que não se altere o conteúdo original.

Quanto ao conteúdo original, no site www.segundoasescrituras.com existe uma cópia idêntica desse arquivo criada pelo sistema PDF do *Acrobat Reader*, que o torna inviolável, de cuja cópia também está disponível para livre *download* e para qualquer tipo de propagação.

Agradeço, de coração, a todos, e estou completamente aberto a qualquer tipo de correspondência, das quais declaro, solenemente, que responderei a todas.